

# POEMAS

Jorge Fernandes da Silveira

## **vou às barcas**

*para Diva Rocha*

Vou às barcas.

Só quem nasceu em  
Niterói  
pode entender o sentido  
deste passo.

Era um menino pacato.  
Ia à praia  
mas não atravessava o mar.  
Ficava na terra  
à beira do mato  
azarando mistérios e  
o segredo de ma-ma-mamãe eu quero  
ir às barcas.

A primeira vez que atravessou o mar  
da Baía sozinho ia  
comprar o Camões Épico Livraria São José.  
Foi e voltou. Outro.  
Trazia alguma água entornada aquele dia.

— Menino, onde é a tua escola?  
— Lá nas barcas, minha senhora.

Venho de muito tempo aí.

Mamãe deixa eu ir  
de novo nas barcas.

Desde aquela travessia  
vivo de interpretar o mar.

## **adiós fuentes victor**

Nenhum homem alimenta uma árvore.  
Dava de beber às flores e  
me encantava o azul duma pétala rara  
(tinha um pássaro dentro que  
todo me alvorava) e  
os bicos da buganvília de noite  
trepavam no espelho do meu quarto.  
Ningún hombre alimenta un árbol.  
E eu não acreditava na conversa de  
falar com as plantas.  
Nos meus dias de jardinagem água e terra porém  
os verdes levantaram mais alto ainda o silêncio da casa  
minha vizinha.